

População sugere mudanças para revitalizar Centro

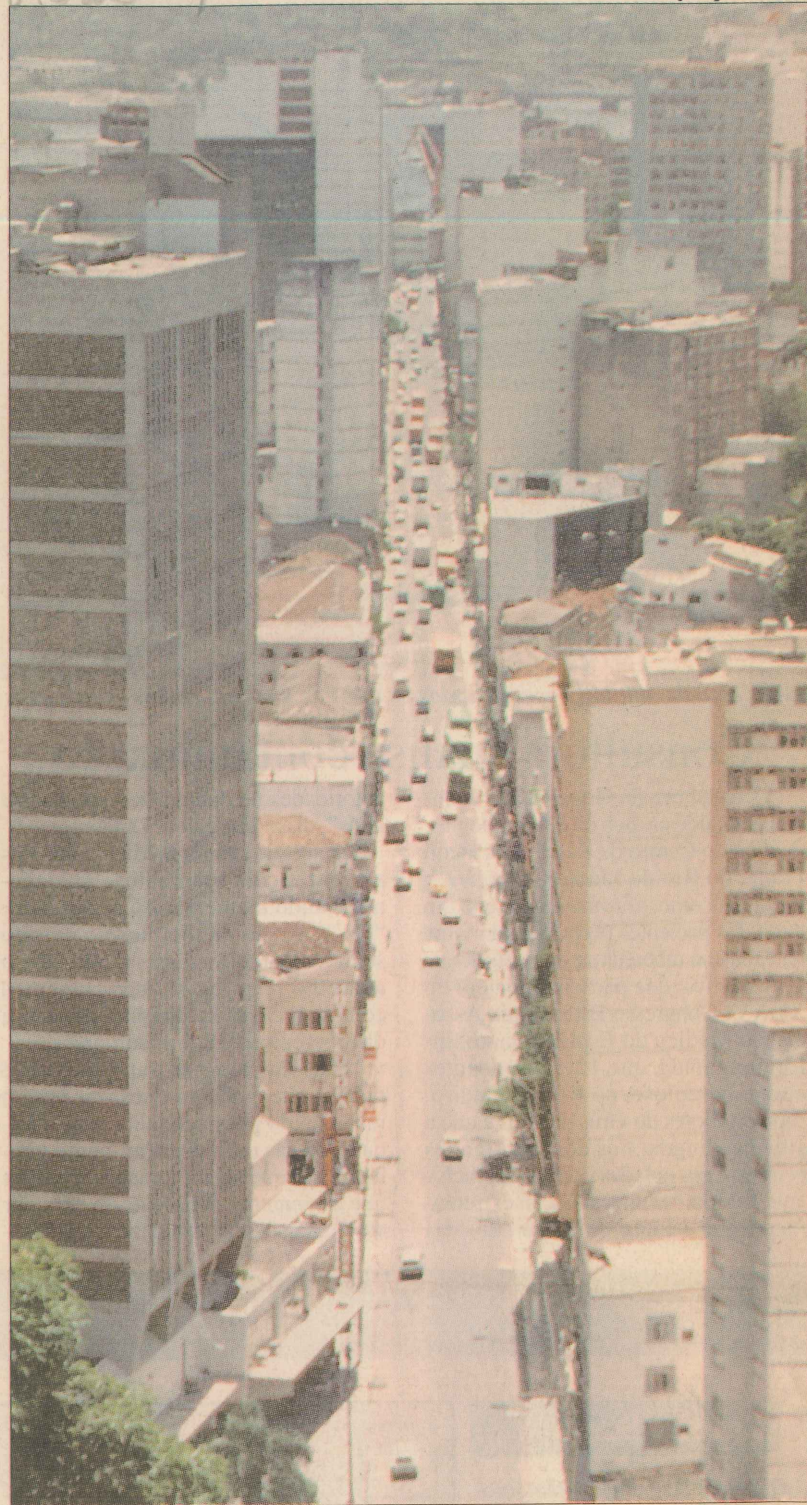
Cláudia Feliz

O que fazer para tornar o centro de Vitória uma região mais agradável para se morar? Na opinião do secretário e do presidente das associações de moradores do centro e do Parque Moscoso, Ronaldo Lyrio Rocha e Oswaldo Mello, respectivamente, é preciso investir em segurança pública, oferecer mais e melhores opções culturais e de lazer, melhorar o trânsito e adotar medidas que coíbam a prostituição, principalmente na região do parque. Ali, segundo Oswaldo Mello, a atuação de travestis e prostitutas fez cair o valor dos imóveis, "expulsando" antigos moradores.

Atentos às palestras proferidas ontem no seminário promovido pela Companhia de Desenvolvimento de Vitória (CDV) – que é vinculada à Prefeitura da Capital – intitulado "O centro de Vitória no centro das atenções", Oswaldo Mello e Ronaldo Rocha apontaram a insegurança como um dos maiores problemas da região. O seminário está sendo realizado no auditório da **Rede Gazeta de Comunicações**. A ação do policiamento ostensivo e também do policiamento de trânsito – principalmente para evitar que as calçadas das ruas sejam, como acontece atualmente, "tomadas" pelos carros – é reivindicada por Rocha.

"O Centro está desvalorizado em virtude do trânsito caótico e da insegurança", argumentou Rocha, citando ainda problemas como a mendicância. Para ele, é preciso que os comerciantes também se conscientizem e invistam na recuperação das fachadas das lojas, e que sejam oferecidas condições para estimular a abertura de lanchonetes e outros locais de encontro "de bom padrão" na região.

Mello, por sua vez, preocupa-se com a prostituição em torno do Parque Moscoso. Segundo ele, muitas das "pensões" do local são pontos de exploração de lenocínio. Alguns apresentando riscos de incêndio devido à precariedade das condições físicas. "Prostitutas e travestis acabam atraindo a banditagem", frisou.



Melhorias no trânsito da Capital são um dos itens defendidos pela comunidade

Foto de Joaquim Nunes



Foto de Nestor Muller

Além da falta de segurança, a precariedade de algumas construções é fator que prejudica o Centro

CDV defende mobilização pessoal

Para a presidente da Companhia de Desenvolvimento de Vitória (CDV), Lília Mello, as pessoas precisam declarar "amor pela cidade" para que projetos, como o da revitalização do centro de Vitória, possam ser bem-sucedidos. Segundo ela, a região, na realidade, tem que ser revalorizada. Lília Mello frisou que, para tanto, a parceria da iniciativa privada "é fundamental".

Insistindo no fato de que o amor pela cidade "tem que ser vívido", um sentimento que "contamine" as pessoas, a presidente da CDV não deixou de citar medidas que a Prefeitura de Vitória planeja adotar dentro do projeto de revitalização do Centro.

De acordo com ela, serão instaladas mais de mil lixeiras nas vias pú-

blicas. Toda a cidade será beneficiada com novo capeamento asfáltico e com a troca dos pontos de parada de coletivos. A CDV também já está orçando o projeto de ajardinamento e melhorias na Praça do Índio, na Esplanada Capixaba, hoje utilizada como estacionamento de veículos por motoristas que fogem das áreas de estacionamento rotativo.

A CDV já catalogou 266 imóveis – além de 45 listados pelo Plano Diretor Urbano (PDU), em 1984 – passíveis de preservação. Proprietários que executem obras nos prédios, preservando suas fachadas, podem obter isenção do IPTU, conforme prevê a lei. A Companhia também negocia com a Fundação Roberto Marinho a realização do projeto "Coisas da Cidade", que segundo Lília Rocha

pode também contar com o apoio da **Rede Gazeta de Comunicações**. Se viabilizado, ele garantirá aos proprietários dos prédios ajuda em tinta (tintas Ipyranga) e projeto arquitetônico para a recuperação da fachada dos imóveis.

A arquiteta da CDV, Clemir Regina Meneghel, lembrou que são os moradores que garantem a vitalidade do centro da cidade. Vitória, segundo ela, é uma das poucas cidades brasileiras que mantêm pessoas morando no seu centro histórico. Clemir Regina disse que são necessárias intervenções que garantam a qualidade de vida da região. Uma delas, já em forma de projeto, prevê alterações nas calçadas (passeio público). "Hoje, o Centro prioriza os carros em detrimento das pessoas", concluiu.

Um pouco de história

Vitória foi fundada em 1551 e de seu traçado urbano original guarda muito pouco. O arquiteto Pedro Canal, no "Projeto de identificação de imóveis de interesse de preservação do centro de Vitória", disse que das ruas que resistiram ao processo de modernização podem ser citadas a Muniz Freire e a Francisco de Araújo (antiga Rua do Egito).

Ele explicou que a cidade só ganhou energia elétrica, água encanada, rede de esgoto e calçamento nas primeiras décadas do Século XX. Até a década de 50, a verticalização (construção de edifícios) era um fenômeno ainda incipiente. Na Fafi, antigo grupo escolar Gomes Cardim e Faculdade de Filosofia, localizada na Avenida Jerônimo Monteiro, é possível conhecer um pouco da história (com fotos antigas e atuais) de 56 imóveis da Capital acionando um "toque-te-la". Centro de atividades artísticas e culturais, a Fafi é um exemplo de que o Centro "não está morto", segundo argumentou Lília Mello, da CDV.



Noêmia e Dulce vivem no "coração da cidade", e observam o movimento

Foto de Nestor Muller

Falta de segurança é ponto negativo

Oneida Regina de Jesus, 65 anos, ao longo dos últimos 15 anos, viu, aos poucos, muitos de seus vizinhos mudarem do local onde ela e seus quatro irmãos cresceram e ainda moram, e pelo qual nutrem muito carinho: a Rua Graciano Neves, no centro de Vitória. Bem perto dali, as irmãs Noêmia, 64, e Dulce Kill, 66, olham o vaivém frenético de pessoas e carros da sacada do prédio onde moram, no "coração da cidade", a Praça Costa Pereira. As três admitem gostar de residir na região, pela proximidade com o comércio, a rede bancária, cinemas, dentre outros tipos de opções de lazer e serviço.

Mas entre os moradores do Centro não é difícil encontrar quem não goste do lugar para morar. Como o adolescente Ângelo José Barbosa Ribeiro Júnior, 18, para quem "o Centro já era". Ele nasceu e ainda reside na rua Barão de Monjardim. E é ali, próximo ao Parque da Gruta da Onça, que se diverte jogando bola com amigos no asfalto, em meio aos carros que trafegam na pista. "Aqui a gente enfrenta o problema do roubo, além de não



Foto de Nestor Muller

Vizinhos de Oneida mudaram, mas ela continua no Centro, pelo qual tem carinho

termos local de lazer", diz o rapaz. Seu sonho? Morar em bairros da zona Norte, como Jardim da Penha e Praia do Canto.

A casa de Oneida e seus quatro irmãos, todos solteiros, foi construída há 70 anos. Foi na Graciano Neves que ela jogou bolinha de gude, pião, pedrinha, ferrinho... Oneida lembra-se como era "chique" ir às matinês de cinema no

Glória, aos domingos. Às sessões noturnas as mulheres compareciam de chapéu. "Chiquérrimo! Não troco minha casa por lugar nenhum", diz ela. Noêmia e Dulce, que moram há 11 anos num apartamento do edifício Anthenor Guimarães, acham que o local "é tranquilo, próximo a tudo". Mas, a exemplo de Oneida, também querem mais segurança pública.

Foto de Chico Mendes